

FÉ E SENTIDO DA VIDA: REFLEXÕES A PARTIR DO PARADIGMA ANALÍTICO-EXISTENCIAL FRANKLIANO

FAITH AND MEANING OF LIFE: REFLECTIONS FROM THE EXISTENTIAL ANALYSIS FRANKL'S

Diogo Arnaldo Corrêa

Resumo. A Análise Existencial Frankliana sustenta que o ser humano pergunta pelo sentido de sua vida e, uma vez que é um ser aberto e tem quanto uma de suas capacidades a autotranscendência, pode descobrir o sentido dedicando-se a algo a realizar ou a alguém a amar. As possibilidades de descoberta do sentido da vida são variadas e transitam desde as concretudes da existência até seus aspectos mais culminantes. A dimensão espiritual, própria do ser humano, assinala nesse contexto a dignidade da pessoa para além dos aspectos do seu organismo psicofísico e marca uma experiência de profundidade aberta para o simbólico, confirmando que é a vontade de sentido que motiva a vida, e só o espírito pode captar o sentido. Face às possibilidades de descoberta do sentido, a fé insurge como uma categoria transcendental que sinaliza a mobilização do ser humano por algo além e que carregue sua vida de significado. Assim, a fé, como uma das expressões da espiritualidade, pode favorecer a busca do sentido da vida nas situações cotidianas ou ainda nas escolhas mais amplas e íntimas que coincidem com o Sentido Último.

Palavras-chave: fé; espiritualidade; logoterapia.

Abstract. The Existential Analysis Frankl's holds that the human question of the meaning of your life and, since it is a being open and has as one of its abilities the self-transcendence, can discover the meaning dedicating yourself to something to do or someone to love. The possibilities of finding the meaning of life are varied and transiting from the concreteness of existence until their culminating aspects. The spiritual dimension of the human being itself, also notes in this context the dignity of the person beyond the psychophysical aspects of your body and depth of brand experience open to the symbolic, confirming that it is the will of meaning that motivates life, and only the mind can grasp the meaning. Given the potential for discovery of meaning, faith protests as a transcendental category that signals the mobilization of human beings for anything beyond that and charge your life with meaning. It was concluded that faith, as one of the spiritual experiences, can favor the search for the meaning of life in everyday situations or still in the broader choices and undergarments that coincide with the Sense Last.

Keywords: faith; spirituality; logotherapy.

Desde o século XIX, diversos psicólogos e psiquiatras foram propensos a compreender as vertentes da espiritualidade em nível de transtornos mentais e o envolvimento dos indivíduos com os fenômenos espirituais como um delimitador de patologias ou imaturidade psicológica. Na ótica de Freud, por exemplo, as vivências espirituais foram consideradas como uma neurose obsessiva. E no DSM-III tais experiências foram concebidas como episódio psicótico e psicose borderline (Menezes Júnior & Moreira-Almeida, 2009; Moreira-Almeida & Cardeña, 2011).

Entretanto, abordagens favorecedoras do tema também emergiram como, por exemplo, as noções colocadas por William James. Haja vista as perspectivas de Jung que delimitou as experiências espirituais como manifestação de uma experiência psicologicamente saudável. E Maslow que se referiu às experiências culminantes enquanto expressão máxima da saúde e do bem-estar psicológico. Hood e Caird também constataram que pessoas que discursam sobre sua espiritualidade – em razão de exercerem-na – pontuam mais em escalas de bem-estar psicológico e menos em escalas de psicopatologia (Menezes Júnior & Moreira-Almeida, 2009).

As características que assinalam as possibilidades de promoção de hígidez às pessoas em razão das suas experiências espirituais são nomeadas por Menezes Júnior e Moreira-Almeida (2009) sendo a ausência de sofrimento psicológico, a não apresentação de prejuízos sociais e ocupacionais, a curta duração e caráter episódico da experiência, a atitude crítica da pessoa sobre a realidade objetiva da experiência, a compatibilidade da experiência com algum grupo cultural ou religioso, a

ausência de comorbidades, o controle sobre a experiência, o crescimento pessoal que a experiência geral e o sentido e objetivo social que são conservados, possibilitando à pessoa que esteja voltada para os outros.

Dado o aumento de estudos e publicações que abordam a espiritualidade e relevam suas inerências na vida das pessoas, essa temática deve ser considerada um fenômeno humano e natural que, por essa razão, precisa ser investigado com afinco científico.

a espiritualidade é espaço relacional onde a pessoa expressa desejos de seu coração, exigências de sua razão, fragilidades, forças, o caminho que está percorrendo, o que a estrutura, suas razões de viver e de esperança. É neste espaço privilegiado que se constroem, pouco a pouco, gestos de liberdade que alçarão a pessoa à altura de sua dignidade de ser humano. Sem a espiritualidade, a humanidade seria um deserto, pois não haveria para onde drenar a necessidade que temos de percebermo-nos pertencentes a algo mais amplo que o mero cotidiano (Menezes Júnior e Moreira-Almeida, p. 219).

Compreendida deste modo, a espiritualidade expressa a inquietação humana presente em todas as pessoas, uma inquietação aberta para o infinito e que mobiliza a busca pelo sentido da vida, da morte, do sofrimento (Amatuzzi, 2008). Como ressalta Valle (2005), a espiritualidade

consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir. Acha-se, por isso, unida à motivação profunda que nos faz crer,

lutar, amar. Orienta-se para o porquê último da vida, mas sem fugir dos questionamentos e compromissos que a vida nos impõe, ajudando-nos a ter forças para nos comprometermos com eles. (Valle, p. 104).

Proposta como uma possibilidade de a pessoa mergulhar em si mesma e autotranscender, a espiritualidade pode expressar, ou não, manifestações de uma religião específica; pode, ainda, estar atrelada à religiosidade definida por Valle (2005) como algo próprio da experiência individualizada do transcendente que origina alcances possíveis pelo fato de haver, no ser humano, uma consciência capaz de atribuir sentido ao que é percebido em si, nos outros e no mundo.

Pinto (2009), por sua vez, menciona que a espiritualidade é uma característica humana relacionada à estrutura da personalidade. Ela expressa um movimento que decorre potenciais explicitações, culminâncias e sínteses a partir das capacidades próprias do ser humano e que atendem o anseio da busca, atendem à vontade de sentido. Assim, promove a busca do sentido da existência a partir do vivido atrelado ao estético, às noções do sagrado ou ao próprio exercício da fé.

Com base no exposto até então, considerando as inerências e importância da abordagem do tema em relevo, este estudo propõe uma reflexão acerca de uma possível compreensão sobre o exercício da fé como uma das expressões da espiritualidade e um modo potencial para a busca e descoberta do sentido da vida. Tal reflexão será apresentada a partir da ótica de Viktor Emil Frankl, fundador da Análise Existencial - Logoterapia, tendo em consideração as contribuições de seu

pensamento no tocante à temática.

ANÁLISE EXISTENCIAL-LOGOTERAPIA: A TÔNICA DO ENDEREÇAMENTO HUMANO PARA O SENTIDO

Toda pessoa questiona os fatos concretos da vida e indaga a si mesma acerca de sua relação com estes fatos. As perguntas emergidas no mundo vivido de cada ser humano, neste sentido, são interrogações relacionadas ao próprio sentido da vida. “O homem procura sempre um significado para sua vida. Ele está sempre se movendo em busca de um sentido de seu viver.” (Frankl, 2003c, p. 23). Por essa razão, em todas as situações da vida, faz-se possível descobrir seu sentido, inclusive em situações limites e/ou inevitáveis (Frankl, 1978).

Ao contrário do que Freud escreveu numa de suas cartas à Maria Bonaparte – “se se pergunta pelo sentido e valor da vida, é porque se está doente...” – perguntar-se pelo sentido da vida e buscá-lo é algo natural e inerente ao ser humano e favorece na constituição da sua identidade a partir da liberdade e da responsabilidade próprias da sua condição existencial. Ao buscar e descobrir o sentido da vida, além da realização de valores, a pessoa também pode experimentar a realização de si mesma que significa como que um efeito da descoberta do sentido (Frankl, 2008).

Todas as pessoas perseguem a realização, aspiram felicidade e o desfrute de uma vida satisfatória. Essas possibilidades são ponderadas na vida muito mais enquanto fins imediatos que consequências. E, talvez, esta seja uma das razões que leva as pessoas a dada frustração existencial e intensificação da angústia perante a vida, pois quanto mais perseguem a felicidade e sua realização como fim, mais anulam em si a busca

pelo sentido da vida.

Aliás, isso é constatado com intensa frequência no contexto psicoterapêutico. Quando a felicidade e a realização pessoal são buscadas de forma imediata e como razão para a vida o ser humano frustra o que Frankl (2003b) denomina de Vontade de Sentido, a aspiração natural do ser humano pelo sentido, a sua motivação básica pelo sentido da vida e de tudo que nela há. Felicidade e realização pessoal são consequências da descoberta do sentido, e é a partir dessa descoberta que elas podem ser conservadas autêntica e profundamente na existência de uma pessoa.

A motivação básica pelo sentido da vida é fundamentada por Frankl na noção de abertura pertencente à própria essência humana. Essa abertura considerada enquanto intencionalidade humana é denominada autotranscendência. Toda pessoa é um ser “aberto ao mundo” e, por isso, ser humano significa ser para além de si, significa autotranscender, lançando-se para além de si mesmo em busca do sentido (Frankl, 1978).

A autotranscendência é uma capacidade que favorece o ser humano na busca do sentido da vida, sendo esse sentido específico e potencial a cada pessoa na sua condição singular no mundo. Essa especificidade do sentido se relaciona ao caráter de unicidade e irrepitibilidade da vida conexo à perspectiva antropológica apontada por Frankl.

Na busca do sentido, o ser humano se orienta a algo ou a alguém, ou seja, dedica-se a uma tarefa a ser realizada ou a alguém a ser amado. Desse modo, o ser humano não se interessa “por quaisquer condições internas dele próprio, sejam elas prazer ou equilíbrio interior, mas ele é orientado para o mundo lá fora, e neste

mundo procura um sentido que possa realizar ou uma pessoa que possa amar.” (Frankl, 2007, p. 99).

A dedicação do ser humano a uma pessoa que possa amar ressalta o aspecto do encontro que marca, na sua existência, uma relação que carrega potencialmente um caráter de transformação a partir do movimento da pessoa para o *vir-a-ser*. Partindo da perspectiva de Buber que observa na atitude da relação Eu-Tu o envolvimento da pessoa pela presença de um outro que por ela pode ser amado, é possível referir que nas experiências humanas ocorre uma dada instabilidade do eu que propicia certo mergulho numa dimensão intensiva manifestada no mundo pelo diálogo, pela palavra.

O encontro, nesse sentido, pode ser evidenciado como fundamental nos cenários da vida e no contexto psicoterapêutico no qual se localiza um interesse em compartilhar e alcançar compreensões acerca das possibilidades de ser e de estar no mundo a partir do movimento dialógico-analítico (Luczinski & Ancona-Lopez, 2010).

Outrossim, o encontro, no seu caráter de relação também pode ser ampliado para a intimidade entre o Eu e um Transcendente – o Sagrado – de diversos modos espirituais: por meio do solilóquio profundo do ser humano com sua própria consciência, sendo Deus o seu parceiro íntimo (Frankl, 2007); por meio dos ritos e símbolos religiosos que expressam uma dada linguagem espiritual; a partir de experiências estéticas e sensíveis na vida.

Nota-se então, sob esses aspectos, que o Tu que pode endereçar-se a uma pessoa e a quem pode-se efetivar uma dedicação no amor para a descoberta do sentido da vida, além de ser

entendido como alguém, como um outro ser humano, pode também ser compreendido e acolhido de demais e distintas maneiras sob a égide da espiritualidade.

ESPIRITUALIDADE E O SENTIDO DA VIDA

O termo “espiritual” possui diversas nuances sendo um adjetivo de espírito que significa, originalmente, *pneuma*, sopro animador, aquilo que vivifica. Espiritual é tudo que gera vida, que anima (Abbagnano, 2007).

Tal noção pode refletir significativamente as possibilidades acerca do entendimento do termo como um dos elementos constitutivos da existência humana na qual o sentido – *o logos* – supera, conforme apontam Guberman e Soto (2006). Para esses autores, a liberdade e a responsabilidade são os outros dois elementos constitutivos da existência humana que, aproximados da espiritualidade, indicam a agudeza do sentido.

Restrito às intenções dos campos religiosos, a espiritualidade pode estar localizada e integrada às crenças e dogmas que são sustentadas por eles, o que inclusive é plausível, visto que para alcançar realidades espirituais, neste sentido, o ser humano necessita identificar-se com tais intenções a partir da configuração de uma dada disposição, um jeito próprio de dirigir-se a essas realidades.

Assim, a espiritualidade pode ser concebida como dimensão das vivências norteadoras para o acesso do transcendente, para modos de experiência que demarcam um estilo de vida que reflete sobre condutas que conservam valores sobre diversos aspectos ou maneiras de viver.

A espiritualidade pode ser vivenciada em

cenários humanos diversos que registram e apontam o sagrado e que se relacionam e coincidem com o intenso anseio humano para a busca e descoberta de sentido.

As discussões acerca da espiritualidade como um dos caminhos para a descoberta do sentido da vida são evidenciadas de modo mais específico no campo teológico que em demais áreas científicas. Já sob um panorama histórico da humanidade, fica evidente que, desde o Renascimento – ocasião na qual a perda de referências lançou o ser humano numa condição de “desamparo divino”, o que lhe permitiu uma abertura ao mundo e favoreceu a sensação de autonomia – as reflexões sobre os assuntos relacionados à esfera espiritual e do sagrado e as questões do sentido da vida passaram a ser inadequados à ciência (Figueiredo & Santi, 2010).

Essa perspectiva influenciou diversas áreas científicas e, se tratando especificamente da Psicologia, esta se posicionou frente os assuntos espirituais com uma dada leitura psicopatológica, conforme já fora exposto. Tais esforços refletem sobre o desenvolvimento e continuidade da intitulada Psicologia da Religião – ou Espiritualidade – que estuda as expressões do sagrado que compõem a vida do ser humano e busca realizar apreciações para além dos aspectos institucionais das religiões, considerando a configuração dos significados das experiências espirituais a partir da singularidade pessoal (Fizzotti, 1992; Ancona-Lopez, 2002).

Os encontros entre esses campos atendem, num primeiro momento, às demandas apontadas pela interdisciplinaridade. Numa época marcada por inúmeros avanços e por uma pluralidade que ameaça a tão sonhada

globalização, torna-se mais que necessário o diálogo entre os diversos campos dos saberes humanos visando atender a singularidade da pessoa e os fenômenos que compõe sua vida, sua existência. Por essa razão, a Psicologia precisa dialogar com a Teologia e, respectivamente, a Teologia com a Psicologia, e ambas com demais áreas científicas, visando discussões relevantes para a compreensão das questões cotidianas às mais complexas que envolvam, por exemplo, o fim último.

Assim, é certo que a Psicologia não pode ser serva da Teologia, nem o contrário deve ocorrer, como destaca Frankl (2007), bem como nenhuma das áreas científicas deve se subordinar às demais áreas. Cada área científica possui ênfases específicas que a caracteriza. Mas, sem a abertura ao diálogo – o que não altera a originalidade de cada ciência, mas enfatiza as suas contribuições para os mais variados campos – as possibilidades de compreensão do ser humano, do mundo, do que há no mundo, e inclusive do transcendente acabam ficando limitadas aos esquemas teóricos de cada área que, conservando fechamentos em si mesmas, promovem os reducionismos contrários às propostas interdisciplinares.

Quando há reduções e fechamentos há enrijecimento e não se consideram as capacidades de descobrimento; fecham-se as portas para o novo e para as possibilidades que são imprescindíveis para as ciências e suas aproximações aos mais diversos temas ameaçando a garantia de um movimento criativo. Por isso, num segundo momento, os encontros entre as ciências e a espiritualidade em nível de reflexão e análise apontam para uma dinâmica fecunda que revela as mais profundas demandas humanas, ou seja, quando as ciências

pretendem garantir certas reduções e fechamentos acabam sendo afetadas por uma dada miopia sobre aquilo que lhes é comum: as inerências humanas. E dentre tais inerências humanas aludimos, mais uma vez, a busca do ser humano pelo sentido da vida.

Para Frankl (2003b), a espiritualidade acena para uma verdadeira intimidade do ser humano com o transcendente. Seu surgimento espontâneo e sua configuração a partir de contextos religiosos e culturais são sagrados no ser humano e coincidem com a busca do sentido que lhe é inerente sob o ponto de vista existencial.

Sua proposta paradigmática incide sobre sua concepção de espiritualidade revelando uma posição abalizada e ao mesmo tempo de abertura, remetendo à percepção de que todo ser humano é afetado pelo limite de sua racionalidade e pela frequente ausência de respostas imediatas às perguntas gerais relacionadas ao sentido da vida.

A espiritualidade aproximada a esta leitura teórica relaciona-se, portanto, à expressão da busca humana do sentido e, como tal, é irreduzível e inquestionável (Batthyany, 2005). Ela pode ajudar a pessoa, ou não, na tarefa de descobrir sentido na vida, bem como uma crise de sentido pode ser diluída, ou não, pelas vivências espirituais (Aquino et al., 2009).

A concepção de espiritualidade para Frankl abarca as dimensões humanas e é terminantemente marcada pelas inerências específicas da dimensão noética, a saber, as potencialidades da autotranscendência, da liberdade e da responsabilidade, e a noção de consciência e valores, noções estas que estão conjugadas aos pilares da Análise Existencial Frankliana: Liberdade da Vontade, Vontade de

Sentido e Sentido da Vida. Nesse ínterim, a Vontade de Sentido, própria do ser humano, coincide com a sua dimensão noética (Frankl, 2003b).

Na perspectiva frankliana, a dimensão noética – denominada também de espiritual – não deve ser entendida sob uma conotação religiosa, pois se trata de uma dimensão nuclear que revela a unidade e totalidade da pessoa, considerando nela a inclusão das dimensões biológica, psicológica e social.

Desse modo, a dimensão noética é o que faz a pessoa ser pessoa e assinala a dignidade do ser humano para além dos limites do seu organismo psicofísico, ou seja, aponta o seu valor e suas potencialidades em responder para além do seu destino, explicitando sua decisão pela construção de sua história.

A dimensão noética encerra culminâncias que sintetizam o valor da vida e preenchem a existência com significados. O silêncio e a contemplação são algumas das reivindicações para que esses significados sejam descobertos na vida e a vontade de sentido inerente ao ser humano seja atendida, conforme destaca Valle (2005), o que se faz imbricado diretamente com os predicados da espiritualidade.

Outro aspecto importante a respeito do tema culmina com a apresentação do termo Sentido Último dado por Frankl (2007). Para ele, o sentido da vida se apresenta como algo concreto com o qual a pessoa, que também é concreta, se conforma. Contudo, a pergunta pela existência do sentido desafia a concretude e acompanha o ser humano continuamente, sendo ampliada para indagações acerca de sua possível universalidade, ou seja, sua generalidade na existência humana. Ante essa situação, o tema

do Sentido Último insurge e a dedicação da pessoa ao sagrado a partir de sua espiritualidade pode ser compreendida como uma das possibilidades para a descoberta do sentido da vida.

O Sentido Último trata-se do sentido do todo, do sentido da vida como um todo para além do qual a tarefa em prosseguir é desafiada. Ele pode ser entendido como conceito-limite a depender de cada instância e perspectiva espiritual.

Enquanto um conceito-limite, a possibilidade da revelação do Sentido Último se dá, por exemplo, na iminência da morte, se o sentido potencial de cada uma das situações pessoais se tornou realidade – ou não – e de acordo com o melhor “saber e crer” da pessoa, como destacam Guberman e Soto (2006).

Esse conceito compartilha questões para além do material, embora não possua um caráter de ordem metafísica. Ele é indemonstrável e incompreensível e assim se apresenta quanto mais amplo for escapando da racionalidade e pertencendo a uma dimensão humana profunda, podendo responder a ela de maneira existencial à luz da consciência ou no encontro pessoal com o sagrado (Guberman & Soto, 2006). Por essas razões, o Sentido Último pode ser relacionado de modo direto à espiritualidade.

Face os desdobramentos acerca das concepções da espiritualidade aos campos religiosos e filosóficos, o que pode ser sustentado como algo unânime em ambos os domínios é que a espiritualidade acena para uma “terra de promessa”, ou seja, para o ser humano ela apela diretamente à busca do sentido da vida, à busca de uma razão para existir.

Para o ser humano, a espiritualidade indica que existe uma profunda disposição para

a descoberta do sentido, por isso ela se caracteriza como uma “experiência da profundidade, da captação do simbólico, de mostrar que o que move a vida é um sentido, pois só o espírito é capaz de descobrir um sentido para a existência”. (Giovanetti, 2005, p. 138.).

Por demarcar vivências de profundidade que propiciam o descobrimento de significados para a vida, a espiritualidade manifesta-se no cotidiano a partir das interpretações que cada pessoa faz e que transitam da simplicidade aos auges de suas experiências.

Algumas pessoas podem ter uma experiência de profundidade e captar o sentido da vida por meio do trabalho, por meio do amor, ou ainda contemplando uma obra de arte, apreciando uma canção, vislumbrando o pôr do sol, sendo desafiada pelo sofrimento e, igualmente, dedicando-se a Deus. (Frankl, 1978).

Todos esses aspectos revelam que há experiências únicas potencialmente capazes de favorecer que cada pessoa descubra o sentido da vida a partir das várias possibilidades que tocam diretamente a sua dimensão mais profunda e apelam à sua consciência, sua liberdade e sua responsabilidade face à sua existência e revelam sua abertura para o transcendente assinalando o exercício de sua espiritualidade para captar os valores na vida.

A FÉ COMO UMA EXPRESSÃO DA ESPIRITUALIDADE E O SENTIDO DA VIDA

Pelo exercício da fé, o presságio, a concepção e o alcance do Sentido Último se faz possível e a capacidade de compreensão racional do ser humano pode transcender. Assim, a dimensão da fé é uma dimensão elevada e de

significado amplo conforme elucidada Frankl (2007). Por tratar-se de uma dimensão característica por um conhecimento indemonstrável sobre o qual não há nenhum equívoco (Guberman & Soto, 2006) pode ser uma das formas de expressão da espiritualidade que assinalam a busca do sentido.

A fé é entendida na Análise Existencial Frankliana como uma categoria transcendental que garante a certeza do sentido da vida frente às questões últimas da existência (Frankl, 2007). Mas também pode ser pensada como uma experiência íntima de cada pessoa com convicções relacionadas à sua realização pessoal na solidez de sua história.

Nos cenários das vivências espirituais, a fé pode ser vista como um direcionamento, uma confiança do ser humano voltada e depositada no sagrado que pode significar sua vida. E, embora possua diversas acepções, a fé consente à Vontade de Sentido em cada pessoa.

Por isso, tanto nos campos da Psicologia quanto nos campos teológicos, quando questões acerca do Sentido Último e da dimensão da fé são alcançadas, explicita-se claramente a constante e peculiar sede de sentido presente no ser humano, considerando que sua intencionalidade – conforme já destacado – é propiciadora dessa busca entendida como a capacidade de abertura própria de uma pessoa para captar o sentido.

Por essa razão, até mesmo uma pessoa que se declare descrente pode ser considerada uma pessoa de fé, pois de alguma maneira empreenderá em sua vida, a partir de sua dimensão humana mais profunda, a busca de sentido, haurindo por algo ou alguém além de si mesma e de seus determinantes psicofísicos que, mesmo que não seja o sagrado, pode

conservar potencialidades de significado sob perspectivas transcendentais (de superação).

Ao tratar que tanto nos campos da Psicologia quanto nos da Teologia os alcances de questões acerca do sentido e da dimensão da fé revelam a sede de significado peculiar e presente no ser humano, não se pretende sugerir a substituição da religião pela Psicoterapia, ou vice-versa. A Psicologia e seus modos de atuação, por exemplo a psicoterapia, não são substitutivos das vivências espirituais, nem estas últimas substitutivas dos métodos e técnicas científicas dos campos da Psicologia.

Os objetivos de cada um destes distintos campos estão situados em diferentes planos do ser e em diferentes níveis de valor, atendendo a finalidades específicas. Contudo, tanto num ou noutro contexto, a dimensão da fé, caracteristicamente elevada e de significado extenso, indica que todo ser humano busca o sentido e pode descobri-lo em sua vida.

Quando uma pessoa procura a psicoterapia, por exemplo, pretende ser atendido em sua busca de compreensão das razões para a vida. Confiando na relação psicoterapêutica e no profissional que o auxilia, a pessoa, lançada ao manejo e processo clínico, pode experimentar a promoção de sua qualidade de vida à medida que alcança os significados que persegue. Da mesma forma, quando uma pessoa se volta para sua espiritualidade e nela se aprofunda, também está buscando explicações acerca de sua vida e sua história que, resididas no sagrado ao qual dedica sua fé, são acolhidas no cotidiano a partir de referenciais que aludem o transcendente.

Assim, a fé é um dos sinalizadores da busca do ser humano pelo sentido da vida, pois indica o movimento da pessoa para além de si mesma em busca de algo além que o seu próprio

destino. E é sob esse enfoque que pode se considerar a relação da intencionalidade humana com a fé recorrendo ambas à efetivação da busca de sentido.

A humildade é também um dos requisitos para que o ser humano possa, a partir dos atos de fé e de sua espiritualidade, descobrir sentido em sua vida. Entendida por Frankl (2003b) como tolerância, a humildade é requerida à pessoa para que, ao seguir o rastro do sentido escondido em cada possibilidade, confie e arrisque na sua capacidade intuitiva de descobri-lo.

Na busca do sentido da vida, a fé, como uma das expressões da espiritualidade, também pode ser cultivada a partir da religião e suas práticas, sobretudo em vista da “realização de uma vontade de sentido último” (Frankl, 2007, p. 115).

Mesmo considerando a diversidade das manifestações religiosas, seus símbolos e ritos, as práticas religiosas podem oferecer bem-estar e qualidade de vida quando propiciam à pessoa “uma sensação de incomparável proteção e ancoramento que não pode ser encontrada alhures a não ser na transcendência, no Absoluto.” (Frankl, 2007, p. 74). Tal sensação de proteção e ancoramento não se constitui como um sentido para a vida, mas aponta para ele e refere-o ao sagrado que pode ser amado e honrado pela dedicação humana.

Enfim, são várias as possibilidades na vida que oferecem vazão para a descoberta do sentido e estas podem ser entendidas desde seus aspectos concretos até os mais sublimes, íntimos e arrebatadores relacionados ao Sentido Último e cunhados no encontro com o transcendente. Em todas essas possibilidades, a fé, como uma das expressões das experiências espirituais,

confirma a intencionalidade do ser humano radicada na sua capacidade de autotranscender, ir para além de si mesmo e descobrir o sentido da vida.

Na perspectiva da Análise Existencial Frankliana, a espiritualidade está vinculada ao campo da fé que abrange as possibilidades de transformação e descoberta de sentido. Desse modo, considera-se a partir desta ótica que a pessoa é capaz de ir para além do chão firme de seus pés ao encontro daquilo que a transcenda a partir do exercício de sua espiritualidade.

CONCLUSÃO

A busca do sentido da vida é comum a todos os seres humanos e a fé, como uma das expressões da espiritualidade, está envolvida nessa busca e sugere variadas possibilidades para tal descoberta.

Relacionada à potencialidade da autotranscendência, que possibilita que o ser humano possa se dirigir para além de si mesmo, a fé, como uma das expressões da espiritualidade, é cunhada diretamente à dimensão noética e pode ser compreendida como um fenômeno humano a partir dela.

Ao autotranscender, o ser humano se eleva sobre sua condição psicofísica e deixa o plano do somático e do psíquico, ingressando no espaço específico do humano radicado em vivências essenciais e profundas, experiências espirituais marcadas pelo silêncio ante o mistério e/ou pela *poiesis*.

Algumas pessoas podem descobrir sentido em sua vida dedicando-se a um trabalho, dedicando-se a amar uma pessoa, dedicando-se a uma causa valorosa e, em todos esses casos, a fé se manifesta como uma força motriz que acena ao ser humano que tudo concorrerá para o

alcançe do significado da sua vida e sua realização, enfatizando suas potencialidades e sua liberdade e responsabilidade em escolher atitudes dignas e valorosas.

Outras podem captar o sentido da vida dedicando-se ao sagrado a partir de práticas religiosas. Também nesses casos, a fé possui grande relevância e compõe aberturas e condições para o acolhimento da esfera do mistério, nutrindo e pautando a relação do ser humano com o transcendente para que sua descoberta de sentido seja tanto possível honesta e reflita em autenticidade e plenitude na vida.

Assim, a fé, considerada como uma dimensão elevada da vida concentra um potencial transformador da existência sendo legítima e livre de manipulações. Quem se mantém livre na sua fé pode ter as mãos livres e estendê-las para as demais pessoas, o que assinala a força propiciadora do desenvolvimento humano inerente à fé (Guberman & Soto, 2006).

Ela está mais diretamente associada ao campo teológico, às esferas religiosas e, por isso, frequentemente é colocada em suspenso nas discussões em muitas das áreas das ciências, inclusive na Psicologia, ou é interpretada especificamente na área psicológica como um mero produto de forças motivadoras inconscientes, o que resulta numa perda e desconsideração do fenômeno autêntico, conforme explicita Frankl (2003b).

Contudo, a fé, como uma das expressões da espiritualidade, corrobora a busca do sentido da vida nas situações concretas ou ainda nas eleições mais amplas e íntimas que coincidem com o Sentido Último, com o transcendente.

A pessoa, ao exercer sua espiritualidade, busca o sentido em sua história, lança-se para além de si mesmo na tentativa de alcançar, pelos

rasgos da transcendência, as razões de seu dever ser. Assim, o ser humano pode colocar-se ante o absoluto e vislumbrar suas possibilidades de realização. Por isso, na perspectiva de Frankl, a espiritualidade é marcada pela singularidade e pela decisão numa dinâmica de recolhimento e de atuação, de silêncio e de revelação.

Uma das tarefas confiadas à Análise Existencial Frankliana é a de propor e fazer acessíveis as diversas e concretas possibilidades de o ser humano buscar e realizar o sentido em sua vida (Frankl, 2003a). Por essa razão, a Análise Existencial Frankliana pode contribuir com a ciência psicológica, engrandecendo e mencionando as prioridades humanas.

A busca do sentido da vida é algo original, espontâneo, genuíno e, como tal, deveria ser levado a sério por todas as áreas científicas (Frankl, 1978) pois, com tal postura, poderão vigorar formas de abordar o ser humano a partir de aspectos mais totais e integradores sendo priorizado um olhar sobre o crescimento potencial do ser humano e considerando-o a partir do seu devir e da construção de sua história.

Destaca-se também que é a partir da descoberta do sentido da vida que resulta a consecução da realização e da felicidade humanas. “Barra o caminho para a felicidade aquele que a todo o transe se empenha em tornar-se feliz” (Frankl, 2003b, p. 73) sem buscar o sentido de sua existência e, como consequência, ser brindado com a realização. E a fé, como uma das expressões da espiritualidade, pode ser colaborativa também neste aspecto.

Em diálogo com a Teologia também se fazem possíveis as contribuições da Análise Existencial Frankliana, desde que uma não seja

serva da outra. A Análise Existencial Frankliana pode contribuir com a Teologia ao elencar as capacidades de abertura e de busca em cada pessoa que, sob o aspecto mais profundo da vida, podem ter como uma das suas opções de direcionamento o Sentido Último. E a Teologia pode favorecer a Análise Existencial Frankliana, e mesmo a Psicologia, indicando, nas suas investigações acerca do ser humano e dos demais fenômenos da sua existência em vista da qualidade de vida, o ressoar da máxima bíblica que diz “buscai e achareis” (Lc 11, 9).

Desse modo, a Análise Existencial Frankliana propõe a investigação da consciencialização do espiritual, ou seja, propõe ao ser humano que tenha consciência do seu ser responsável perante um sentido para sua vida e, a partir de sua liberdade, seja capaz de optar pelas diversas possibilidades de descobri-lo no mundo e interpretá-lo inclusive por meio da espiritualidade em suas riquezas e inerências propiciadoras de significado e realização.

A perspectiva de Tillich (2002) a esse respeito ecoa por si mesma: experienciar a espiritualidade significa fazer a pergunta apaixonada pelo sentido da existência. Por essa razão, uma posição honesta e que considere a vida nas suas possibilidades fenomenológicas pode ser mantida com base no paradigma analítico-existencial frankliano compreendendo que “esquecer a validade interna e o valor originário da criação artística ou da vivência religiosa, em vista da sua eventual aplicação a fins neuróticos, seria ir demasiado longe” (Frankl, 2003b, p. 33).

O ser humano busca um princípio norteador para sua existência. Assim, as formas de ser-no-mundo são construídas e o modo próprio de existir de cada pessoa é o que fará

com que esta descubra ou não sentido em sua vida. E nesses modos próprios de ser de cada pessoa a espiritualidade, e os atos de fé como sua expressão, devem ser considerados em sua imensa importância psicohigiênica (Frankl, 2003, p. 64). A espiritualidade e fé, como sua

expressão, são criadoras. Quem crê descobre uma força que transforma, realiza e plenifica e que afirma ainda mais o modo de ser humano junto às tramas silenciosas e reveladoras do sagrado (Corrêa & Brojato, 2016).

REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. (5a. ed. rev. e ampl.). São Paulo: Martins Fontes.
- Moreira-Almeida, A. & Cardeña, E. (2011). Diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e psicóticas não patológicas e transtornos mentais: uma contribuição de estudos latino-americanos para o CID-11. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 33(1). Recuperado de http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOREIRA-ALMEIDA_Alexander_et_CARDEBA_Etzel_tit_Diagnostico_diferencial_entre_experiencias_espirituais_e_psicoticas_e_transtornos_mentais.htm
- Amatuzzi, M. M. (2008). Experiência Religiosa, Psicoterapia e Orientação Espiritual. Em C. Bruscin; A. Savio; F. Fontes & D. M. Gomes (Orgs.). *Religiosidade e Psicoterapia* (pp. 09-17). São Paulo: Roca.
- Ancona-Lopez, M. (2002). Psicologia e Religião: recursos para construção do conhecimento. *Estudos de Psicologia*, 19(2), pp. 78-85. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v19n2/a05.pdf>
- Aquino, T. A. A.; Correia, A. P. M.; Marques, A. L. C.; Souza, C. G.; Freitas, H. C. A.; Araújo, I. F.; Dias, P. S. & Araújo, W. F. (2009). Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*, 29(2), pp. 228-243. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a03.pdf>
- Batthyany, A. (2005). Logoterapia y Religión. Em V. E. Frankl & P. Lapide. *Búsqueda de Dios y sentido de la vida: Diálogo entre un teólogo y un psicólogo*. (pp. 13-24). Barcelona: Herder. (Original published in 1984).
- Corrêa, D. A. & Brojato, H. C. (2016). Experiência religiosa e saúde: uma perspectiva fenomenológica. *Revista Científica UMC*, 1(1), pp. 1-16. Recuperado de <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/27/58>
- Figueiredo, L. C. M. & Santi, P. L. R. (2010). *Psicologia: uma (nova) introdução*. (3a. ed.). São Paulo: EDUC.
- Fizzotti, E. (1992). *Verso una Psicologia della Religione: 1. Problemi e protagonisti*. Torino: Elle Di Ci. (Collana Studi e Ricerche di Catechetica).

- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original published in 1978).
- Frankl, V. E. (2003a). *La idea psicológica del hombre*. (7a. ed.). Madrid: Rialp. (Original published in 1959).
- Frankl, V. E. (2003b). *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. (4a. ed.). São Paulo: Quadrante. (Original published in 1946).
- Frankl, V. E. (2003c). *Sede de Sentido*. São Paulo: Quadrante. (Original published in 1974).
- Frankl, V. E. (2007). *A Presença Ignorada de Deus*. (10a. ed. rev.). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. (Original published in 1948).
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. (Original published in 1946).
- Giovanetti, J. P. (2005). Psicologia e Espiritualidade. Em M. M. AmatuZZi (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, pp. 129-145.
- Guberman, M. & Soto, E. P. (2006). *Dicionário de Logoterapia*. Lisboa: Paulus.
- Luczinski, G. F.; Ancona-Lopez, M. (2010). A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. *Estudos de Psicologia*, 27(1), pp. 75-82. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a09.pdf>
- Menezes Júnior, A. & Moreira-Almeida, A. (2009). O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. *Revista Psiquiatria Clínica*, (36)2, 75-82. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832009000200006>
- Pinto, E. B. (2009). Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. *Revista de Estudos da Religião*, 9(4), pp. 68-83. Recuperado de http://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.htm
- Tillich, P. (2002). *Dinâmica da fé*. (7a. ed.). São Leopoldo: Sinodal.
- Valle, J. E. R. (2005). Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. Em M. M. AmatuZZi (Org.). *Psicologia e Espiritualidade* (pp. 83-107). São Paulo: Paulus.

Enviado em: 20/07/2016

Aceito em: 01/03/2017

SOBRE O AUTOR

Diogo Arnaldo Corrêa. Psicólogo. Doutor e Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP (PUC-SP). Especialista em Análise Existencial e Logoterapia Clínica pela SOBRAL - Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial Frankliana - da qual foi Presidente de 2013 a 2017. Formado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Santa Teresinha de São José dos Campos-SP (ITEFIST). Docente no Curso de Psicologia da Universidade de Mogi das Cruzes, em Mogi das Cruzes, SP (UMC).